

**Evento:** XXVI Jornada de Extensão ▾

ENTRE A GRAMÁTICA UNIVERSAL E A REALIDADE DOS REFUGIADOS: O ENSINO DO PLE EM PERSPECTIVA¹

Emily Pinto Strada², Fernanda Trein³, Taíse Neves Possani⁴

¹ Pesquisa exploratória sobre as complexidades encontradas no ensino do PLE sobre no contexto atual e de que forma à luz da hipótese inatista, que se baseia no gerativismo de Noam Chomsky da Unijui. Financiado pelo PIBEX/UNIJUI.

² Estudante do curso Letras Português e Inglês; Vinculada ao programa Professor do Amanhã e Bolsista do Projeto Português como Língua Estrangeira da Unijui. E-mail: emily.strada@sou.unijui.edu.br

³ Professora do Curso de Letras - Português e Inglês. Orientadora do Projeto de Extensão Português como Língua Estrangeira. E-mail: fernanda.trein@unijui.edu.br

⁴ Professora do Curso de Letras Português e Inglês. Coordenadora do Projeto de Extensão Português como Língua Estrangeira. E-mail: taise.possani@unijui.edu.br

INTRODUÇÃO

A procura pelo ensino de Português como língua estrangeira (PLE) tem ganhado uma notável crescente relevância no atual cenário educacional brasileiro. Essa procura é impulsionada por fatores como o aumento do fluxo migratório, a ampliação de políticas de inclusão e também a internacionalização das universidades.

Embora a metodologia do PLE seja recente, seu histórico remete-se ao período colonial do país, marcado pela ação catequizadora e uso de métodos pedagógicos com base em repetição e memorização impostos pelos colonizadores luso-falantes (Resende, 2018). Já na contemporaneidade, o ensino do português como língua estrangeira se depara com uma realidade marcada pela pluralidade de sujeitos, experiências culturais, motivações e a própria língua materna dos alunos, o que acaba acarretando desafios significativos à prática docente.

Este resumo expandido propõe uma reflexão sobre esses desafios a partir do diálogo entre os aspectos sociopolíticos que atravessam a realidade dos aprendizes de PLE e a hipótese inatista da aquisição de linguagem, com base nos aportes teóricos de Mauricio Resende (2018). A partir dessa articulação, busca-se apontar caminhos para práticas pedagógicas mais inclusivas, eficazes e sensíveis à diversidade dos contextos de aprendizagem.

METODOLOGIA

Esse trabalho foi escrito com base no artigo “Notas sobre o ensino de português como língua estrangeira: aspectos universais e particulares – das línguas e dos falantes” de



Maurício Resende. Nesse sentido, é caracterizado como pesquisa exploratória, conforme Gil (2002 p. 41), já que “(...) Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições”. Além disso, realizou-se pesquisa bibliográfica que conforme Gil (2002, p. 44), “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.”

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A prática do ensino de Português como Língua Estrangeira (PLE), de maneira sistemática e burocrática, é relativamente recente. ensino da língua portuguesa como segunda língua, porém, ocorre desde os tempos do Brasil Colônia, quando a ordem dos jesuítas chegou à colônia, em 1549, com o objetivo de catequizar os indígenas. Esse processo utilizava o método do *Ratio Studiorum*, que tinha como foco o ensino das humanidades, com forte ênfase no latim e na literatura clássica, baseando-se nos fundamentos da formação religiosa e moral, e utilizando métodos de ensino centrados na memorização e repetição (Teixeira e Cordeiro, 2008).

A educação na época colonial passou por diversos estágios, e a dominação do território pelos luso-falantes, por meio da aculturação de diversos povos, resultou na difusão da língua portuguesa entre falantes não nativos. No cenário atual, há diversas situações que impulsionam a procura por cursos de PLE, como o crescimento econômico do país, a internacionalização das universidades, o surgimento de políticas de inclusão voltadas à comunidade surda; e, de forma mais emergente, a chegada de imigrantes refugiados provenientes de países em conflito.

Contudo, essa diversidade de pessoas interessadas no PLE também traz consigo uma pluralidade de problemas sociopolíticos que envolvem múltiplos fatores. Apesar disso, essa heterogeneidade pode ser vista como parte da solução, pois um dos principais desafios do PLE está justamente na diversidade de nacionalidades entre os alunos. Segundo Resende (2018), Alguns grandes centros, quando possível, organizam turmas com base na filiação linguística dos alunos, esse método permite avaliar o grau de familiaridade com a gramática do português, em termos estruturais, bem como o nível de inter-compreensibilidade.

Da mesma forma que há grupos de estrangeiros que demonstram interesse e afeto pela língua portuguesa, o que facilita o processo de aprendizagem, também existem



refugiados que enfrentam grandes dificuldades em acolher uma nova cultura e, consequentemente, uma nova língua.

O ensino do PLE se torna complexo exatamente por conta dessa pluralidade de interesses, histórias e necessidades. Até que ponto é possível ensinar, de maneira efetiva, uma segunda língua?

Maurício Resende (2018), traz uma reflexão sobre o ensino de português como segunda língua à luz da hipótese inatista, que se baseia no gerativismo de Noam Chomsky.

Essa teoria defende que a capacidade de entender e falar uma língua é considerado um comportamento inato, isto é, uma capacidade genética, interna ao organismo humano, enraizada na biologia da mente humana e designada a construir a competência linguística de um falante. Além disso, todas as pessoas possuem uma gramática universal que consiste em um conjunto de propriedades gramaticais em comum compartilhadas por todas as línguas naturais.

A partir das visões de Krashen (1982, *apud* Resende, 2018) e White (2003, *apud* Resende, 2018), Resende (2018), mostra que, embora adultos já tenham ultrapassado o chamado "período crítico" para a aquisição natural de línguas, ainda podem acessar, ao menos parcialmente, esses mecanismos inatos por meio da imersão em contextos reais da língua portuguesa. Essa aprendizagem se torna mais eficaz quando os conteúdos oferecidos estão um pouco acima do nível atual de proficiência dos alunos, respeitando a lógica interna da aquisição da linguagem. Ainda que a aquisição natural seja central, a aprendizagem formal tem um papel importante, atuando como um "monitor" que corrige e aperfeiçoa aspectos como gênero, morfologia e pronúncia.

(...) Para o autor, a aquisição dá início aos enunciados proferidos na língua estrangeira e é igualmente responsável pela fluência nessa língua, ao passo que a aprendizagem tem a função de monitorar (por isso hipótese do monitoramento) a forma como são produzidos esses enunciados, com relação aos seus aspectos gramaticais (morfológicos e sintáticos), de significado (lexicais e semânticos) e de pronúncia (fonéticos e fonológicos). (RESENDE, 2018. p. 879)

A articulação entre os problemas sociopolíticos e a hipótese inatista no PLE revela-se indispensável para a criação de práticas pedagógicas mais assertivas, inclusivas e contextualizadas. Segundo Resende (2018), a hipótese inatista oferece uma base teórica consolidada sobre os processos cognitivos universais que orientam a aquisição da linguagem,



o que possibilita a elaboração de métodos que respeitam a natureza da mente humana. Por outro lado, os dilemas sociopolíticos evidenciam a necessidade de maior sensibilidade em relação às realidades culturais, econômicas e afetivas dos aprendizes. Ao planejar aulas de PLE, é essencial reconhecer que, embora todos os falantes compartilhem uma predisposição biológica para a linguagem, fatores externos como o histórico migratório, o acesso à escolarização e o nível de motivação afetam diretamente como essa predisposição se manifesta. O ano de 2010 marca o início de uma significativa transformação em questões relacionadas aos refugiados e a imigração na América Latina, no Brasil mais especificamente ocorreu novos fluxos migratórios, principalmente de sírios, venezuelanos e haitianos, o que alterou o cenário das populações imigrantes já instaladas no país e fez com que o Estado realizasse mudanças na legislação de imigração além de planos nacionais e internacionais de acolhimento (Tonhati e Fusaro, 2020).

Tomando por referência a definição enunciada pela Convenção das Nações Unidas relativa ao Estatuto dos Refugiados de 1951, entendemos por refugiado uma pessoa que;

(...) temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de que tem a nacionalidade e não possa ou, em virtude daquele receio, não queira pedir a proteção daquele país; ou que, se não tiver nacionalidade e estiver fora do país no qual tinha a sua residência habitual após aqueles acontecimentos, não possa ou, em virtude do dito receio, a ele não queira voltar. (Convenção das Nações Unidas relativa ao Estatuto dos Refugiados. 1951. p. 2)

Com o cenário geopolítico do mundo sofrendo diversas mudanças como conflitos armados e a chegada de imigrantes de várias partes do mundo a utilização de práticas pedagógicas baseadas exclusivamente em princípios universais, além de estarem ficando obsoletas, acabam desconsiderando barreiras reais enfrentadas por grupos como refugiados, indígenas, surdos e falantes de línguas estruturalmente muito diferentes do português.

Para caminharmos rumo a um ensino de Português como língua estrangeira que seja significativamente eficiente, é fundamental abandonar métodos mecânicos e repetitivos. Para isso, podemos integrar os fundamentos da hipótese inatista que orienta como é feito a construção do conhecimento linguístico junto com práticas pedagógicas mais comprometidas com a equidade, tendo a escuta ativa e a valorização das experiências socioculturais dos



alunos como base. De acordo com Resende (2018), a articulação entre cognição e contexto social nos dá a possibilidade de ampliar a aprendizagem e garantir com que o ensino do português como segunda língua seja, ao mesmo tempo, tecnicamente fundamentado e humanamente significativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de Português como Língua Estrangeira exige sensibilidade diante da diversidade sociopolítica dos aprendizes e vai além da simples transmissão linguística. Superar métodos pedagógicos mecânicos e descontextualizados requer que o professor atue como mediador cultural, articulando teoria e inclusão.

Ao integrar cognição e contexto social, é possível promover um ensino mais significativo, que valorize a identidade dos falantes e torne o PLE não apenas uma prática educativa, mas também um ato de acolhimento e transformação social.

Palavras-chave: Português Como Língua Estrangeira. Diversidade Sociopolítica. Hipótese Inatista. Gerativismo. Imigração.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

II ENCONTRO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA COLONIAL. Mneme – **Revista de Humanidades. Anais.** UFRN. Caicó (RN), v. 9. n. 24, Set/out. 2008. ISSN 1518-3394. Disponível em www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais Acessado em 07/08/2025.

Convenção das Nações Unidas relativa ao Estatuto dos Refugiados, 1951, Página 2, Agência da ONU para refugiados, ACNUR. Disponível em: <https://www.acnur.org/br/convencao-de-1951> Acessado em 07/08/2025.

RESENDE, Maurício Sartori. **Notas sobre o ensino de Português como Língua Estrangeira: aspectos universais e particulares - das línguas e dos falantes.** Domínios de Linguagem, Uberlândia, v. 12, n. 2, p. 871–891, 2018. DOI: 10.14393/DL34-v12n2a2018-6. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/39588>. Acessado em: 07/08/2025. TONHATI, Tânia, DE PECSI E FUSARO, Karin (2020) **Imigração e refúgio no Brasil de 2010 de 2020: os diversos desafios dos novos fluxos.** PÉRIPILOS, Revista de Pesquisa sobre Migrações. Volume 4 - Número 2, pp. 04-10.